

**CADERNO DE LITERATURA – UM PERCURSO DE FORMAÇÃO EM
LITERATURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO [ANA LAURA DOS REIS CORRÊA,
BERNARD HERMANN HESS E DANIELE DOS SANTOS ROSA]**

DOI: <http://10.9771/gmed.v13i2.44937>

Wellington Augusto Silva¹

Título: Caderno de literatura – um percurso de formação em literatura na educação do campo
Autoras/es: Ana Laura dos Reis Corrêa, Bernard Hermann Hess e Daniele dos Santos Rosa
Editora: São Paulo
Ano da publicação: 2019
Páginas: 175

Porém a luta é real. Sobre a luta
Nossa visão se constrói.
Orides Fontela

Em um momento em que todas as esferas e níveis da educação pública brasileira se encontram asfixiadas por conta de cerrados ataques materiais e ideológicos, que vão desde a escassez de recursos ao cerceamento de abordagens críticas, o que pode uma obra inserida no campo da formação docente, em particular de nível básico? Qual a relação específica da área de linguagens (como indica a nomenclatura oficial em vigência) com esse contexto de sufocamento? Essa amplitude de questões, que interrogam a conjuntura a que vem a lume, são exigências colocadas pela obra coletiva organizada por Ana Laura dos Reis Corrêa, Bernard Hermann Hess e Daniele dos Santos Rosa, fruto do trabalho com os educandos do curso de Licenciatura em Educação no Campo, da UnB.

Em primeiro lugar, a reflexão teórica mais geral e as análises específicas lá expostas, dada a profundidade e rigor com que tais matérias são tratadas, não se restringem ao público específico da Educação no Campo, estendendo-se, portanto, a todos os que interagem com a área de literatura brasileira, teoria literária e formação de professores. As vozes que compõem o livro “Caderno de Literatura – um percurso de formação em literatura na educação do campo” surgem, então, como uma lufada muito bem-vinda de ar fresco, capaz de oxigenar debates em várias direções: seja a da crítica e teoria literária, da formação docente e do ensino de literatura em nível básico, para o qual a obra também foi escrita (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p.7).

Nos círculos acadêmicos tradicionais, a autoria desta obra, um verdadeiro concerto sinfônico, é uma afronta declarada às hierarquias quase sempre monológicas. Além disso, as três partes que constituem o livro revelam uma ligação produtiva entre saberes e práticas de duas esferas, historicamente separadas no Brasil: a universitária e a popular. Ao percorrer as páginas de **Caderno de Literatura**, vislumbra-se um dos mais instigantes trânsitos entre uma prática universitária socialmente referenciada e uma reflexão militante academicamente articulada. Isto foi só possível por uma brecha na conjuntura brasileira que permitiu, através de programas institucionais progressistas, a relação com movimentos sociais, neste caso especial, o MST.

Caso a obra seja caracterizada apenas sua dimensão acadêmica, destaquem-se duas de suas qualidades: a coerência interna do projeto que sustenta o livro, isto é, articulação entre exposição teórica e exercício crítico; e o rigor com que aborda didaticamente os temas teóricos oriundos da tradição dialética, isto é, traduzindo-os sem barateamentos, com o cariz de divulgação científica e de formação continuada de professores. Já que o leitor é defrontado com os textos de declarado propósito didático, duas consequências podem ser apontadas: tanto o auxílio a docentes na construção de seus planos de trabalho em sala de aula, como lhes reforçar uma práxis docente não alienada (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p.7). Certamente, este enorme desafio enunciado sinteticamente se funda em uma visão confiante da criatividade de professores, e se nutre das energias dos textos teóricos e literários com os quais trabalha.

Desde já, é válido ressaltar que tal condução da teoria e da crítica literária, assim como de seus desdobramentos práticos, configura-se como uma etapa posterior, com retomadas e avanços, do trabalho já realizado em torno do saudoso professor Hermenegildo Bastos, **Teoria e prática da crítica literária dialética**, lançado pela editora da UnB, em 2011. Nessa obra, em que figuram alguns autores do livro de 2019, comparecem temas caros dessa tradição específica (interpretação, mimese, gêneros, indústria cultural, dialética), o que sinaliza uma das providências do pensamento dialético: a acumulação crítica do trabalho. Além disso, uma nota de coerência teórica se expressa também no título da obra em que o aspecto processual se faz presente: apresentar às leitoras e aos leitores um percurso de formação. Ou seja, não se queira achar em **Caderno de Literatura** receitas prontas ou um manual para a conclusão de tarefas pré-moldadas, uma vez que a obra está nos antípodas de compêndios mercadológicos. Mais uma aposta, portanto, na criatividade e inventividade do ofício do magistério.

Como dito pelos próprios autores, a busca por uma práxis não alienada do trabalho docente também se expressa no modo de organizar as partes pelas quais se constrói o livro. Ainda que sejam três, elas se desdobram em vetores críticos e reflexivos, formando um verdadeiro sistema de sistemas (para falar como os pensadores dialéticos referenciais): “Literatura e Vida Social” e “Literatura, Terra e Projeto de Nação”, por esse prisma, são cápsulas que condensam ao mesmo tempo em que anunciam aquilo que será praticado em “Análises Literárias”. Registre-se desde logo que as duas primeiras partes trazem leituras acuradas de Antonio Candido e Georg Lukács (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p.8-9), mas também de Roberto Schwarz e, fundamentalmente, Karl Marx. São, portanto, sínteses desses vetores que forjam bases para a interpretação materialista da literatura e da cultura na periferia do capitalismo.

Atentando ao conjunto da terceira parte, figuram cinco artigos nos quais a leitura teórica anterior localizará articulações entre formas artísticas e flagrantes de processos sociais nacionais. Com a leitura destes capítulos em particular, os títulos acadêmicos, que habitualmente são rígidas hierarquias, diluem-se em favor da análise rigorosa dos textos literários escolhidos, do mesmo modo que a autoria tem significado relativizado. O ensaio inaugural dessa terceira parte, da lavra do professor Alexandre Pilati, sobre o poema “A morte do leiteiro”, de Carlos Drummond de Andrade, funciona com um luxuoso abre-alas para o desfile de ensaios cuja qualidade o leitor de **Caderno de Literatura** avaliará. Os então educandos do curso de Licenciatura em Educação no Campo fazem exposições, com interesse, sobre obras de João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Graciliano Ramos e Orides Fontela.

No avançar da leitura, o flagrante tom teórico dos dois primeiros capítulos transmuta-se em teses pontuais, em que se enumeram linhas de força, capazes de configurar o essencial dos principais argumentos. Novamente, longe da simplificação de um longo debate sobre o desenvolvimento da arte e sociedade, vê-se um convite, enxuto e exigente, ao enfrentamento das relações dialéticas entre literatura, leitores e realidade brasileira. Como é sabido, também nos campos da teoria literária, do ensino de literatura e da formação docente, há uma intensa disputa por hegemonia. A obra em tela é capaz de conferir arpejos às abordagens conservadoras daqueles campos científicos habitualmente idealistas, precisamente por explicitar nexos concretos entre os domínios artístico e material. Uma amostra disso a leitora e o leitor conferirão em um desfile de perguntas e tópicos como: “Literatura é trabalho?”, “Como entender a autonomia da arte?”, “Universalização da literatura e mercado mundial” e “consciência literária em um país periférico”. Resultado dessa operação, sempre orientada pela luz materialista, são os argumentos que descortinam complexas mediações capazes de conferir real relevância ao ensino de literatura, cujo exemplo pode ser encontrado em:

Quando pensamos a literatura brasileira como um sistema consolidado, entendemos que ela se constitui como um todo que se formou em um país impedido de se formar, porque não conquistou sua soberania como nação, não integrou todos os brasileiros nos processos de modernização e cidadania, não construiu um projeto de nação efetivamente popular, com distribuição igualitária e justa de renda e de bens culturais, não concretizou uma reforma agrária imperiosa desde a origem latifundiária e escravagista do país. (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p.54)

O capítulo inaugural de “Análises literárias” adensa a fortuna crítica do poema de Drummond com a perspicácia do professor Alexandre Pilati, o qual dedica páginas sensíveis a “Morte do leiteiro”, cujo trecho abaixo serve com pequena amostra à leitora e ao leitor:

Não se trata apenas de entregar o leite a quem não pode pagar, mas sim restituir-lhe seu valor de uso: alimento vital para a espécie humana. Restituir isso à matéria leite é restituir também um pouco da humanidade do próprio leiteiro, do leitor e do narrador. Há uma esperança de transformação, logo, nessa cumplicidade. Reforça essa ideia de abalo na ordem capitalista o fato de que o próprio narrador, num metacomentário, afirma: barulho nada resolve. (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p.68)

De maneira semelhante, registre-se o caráter instigante dos artigos em que os educandos são responsáveis por iluminar as estruturas artísticas que renovam o acervo de leitura dos artistas em tela, sempre inquirindo a obra de arte em chave crítica com a formação social brasileira. Uma nota especial

também ao labor artesanal do cuidado com que a lida do texto literário em particular expressa a lógica organizativa do livro em geral, cujos flagrantes configuram palavras-chave desde os títulos. Trata-se de desvelar a relação entre o universal e o particular, tal qual o conjunto de lições ensinadas desde Marx, passando por Lukács e chegando a Antonio Candido. Na leitura de cada um dos artigos, é encontrada uma arquitetura de elementos formais latentes dos textos literários analisados, com cujo núcleo o leitor toma contato desde a primeira linha: seja com a *paisagem* na poesia de João Cabral; seja com *personagens letrados e iletrados* de **A Hora da Estrela**, de Clarice Lispector; ou ainda com a *paisagem* poética e *realismo* de **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos; ou *Trabalho* na forma poética de Orides Fontela. Tal como o destaque enfatiza “terra, trabalho e literatura” não são tópicos aparentes, senão conceitos que ganham materialidade e interesse ao correr das páginas, sempre diagramados pelo ato fundamental do juízo crítico: o impulso sensível e inicial do leitor, compreendido como motor para descobrir as mediações críticas.

A dimensão desse gesto, presente a cada uma das análises, potencializa-se (ou ganha vulto?) com o fato de que os autores também são militantes do movimento dos trabalhadores sem-terra. Através dos créditos finais, são conhecidos os traços da biografia dos lutadores e lutadoras da reforma agrária Maria Aparecida Fonte Gomes, Marivani da Silva Martins Adler, Paulo Cesar da Costa, Tiago Andrea Sottilli. Sendo assim, os autores, representantes orgânicos do campesinato, simbolizam um setor que durante décadas permaneceu apartado dos círculos universitários, comparecendo tão somente como objetos do conhecimento. Este dado, em **Caderno de Literatura**, concretiza dois vetores de grande monta. Do ponto de vista acadêmico, um movimento autoconsciente do curso de graduação em tela, e, do ângulo social mais amplo, um processo em que sujeitos organizados combinam saber popular, ação política ao conhecimento científico.

Importante ressaltar duas notas que tematizam a figuração estética das camadas populares como resultado de um processo de longa duração da sociedade brasileira. Passagens essas ilustrativas do que foi dito acima e que os leitores devem avaliar, sempre à luz do percurso conflituoso das lutas de classes. A traduzir criticamente o travo da desigualdade que molda o sistema literário da nação periférica e dependente: “A maturidade literária permitiu que a representação do personagem popular na narrativa e na poesia brasileira se formalizasse de maneira problematizadora e profunda” (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p.51). Dizendo de outra forma, a internalização dos modos de vida das camadas populares, no arcabouço mais íntimo das obras de arte, responde a um processo concreto de nossa problemática formação social. De modo mais sintético, os autores afirmam: “A presença do povo na literatura não se dá exatamente quando o texto literário fala do povo, mas também na própria organização interna da obra.” (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p.35). Como se percebe, um exemplo muito produtivo das lições do filósofo húngaro, mas sobretudo do maior crítico literário brasileiro.

Acompanhando a farta bibliografia do pensamento social brasileiro, percebe-se que a chamada questão agrária é um dos elementos marcantes da história nacional. Se essa problemática é relevante nas áreas da ciência social também o é na crítica literária e esta afirmação pode ser comprovada, através de chaves de leitura, (questão rural e relações entre as classes, com ênfase nos trabalhadores pobres), que o

livro oferece ao leitor a desvendar a poesia de João Cabral de Melo Neto ou a prosa de Clarice Lispector. Seja como for, se a luta pela reforma agrária não encontrou figuração artística, passível de análise no livro, é fato que ela assume ares dramáticos, no século XXI, em que o problema da distribuição de terras é acentuado pelo agronegócio e o aprofundamento do caráter dependente do Brasil.

Não é exagerado supor que, após os artigos, o leitor e a leitora sintam-se convocados a uma reflexão radicalmente materialista sobre o sistema literário nacional e se perfilarem àquela mencionada práxis docente não alienada. Contudo, também é correto que o efeito da leitura de **Cadernos de Literatura** seja o de não lhes deixarem apaziguados diante, por exemplo, daquela herança perversa da época colonial, que é o latifúndio, cuja fulguração poética pode ser lida tanto na poesia de Orides Fontela, interpretada por Tiago Sottilli, como ainda na prosa de Graciliano Ramos, pela lente de Paulo Cesar.

Por fim, resulta a convicção de que “Caderno de Literatura” participa do mesmo fluxo político *lato sensu*, aqui bastante enfatizado, de busca por democratização do acesso aos conhecimentos críticos e literários, para qualificar os trabalhadores na batalha de ideias. Finalizando, ficam os votos de que os futuros leitores dessa obra ouçam aquele eco, nas palavras dos autores: “[a literatura, assim como] a terra, propriedade do povo brasileiro, [é] lugar onde ele tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito histórico que tem o direito de se confrontar com suas contradições para buscar a sua emancipação.” (CORREA; HESS; ROSA, 2019, p.54).

Referências:

CORRÊA, Ana Laura dos Reis; HESS, Bernard Hermann; ROSA, Daniele dos Santos (org.). **Caderno de Literatura – um percurso de formação em literatura na educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

BASTOS, Hermenegildo; ARAÚJO, Adriana de F.B. **Teoria e prática da crítica literária dialética**, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2011, 182p.

Notas

¹ Doutor em Letras pela UFRJ. Professor do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pesquisador do Coletivo Marxista da Rural (MAR) da UFRRJ - dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9746485436030018. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3236752760125748>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9655-941X>. E-mail: silva.wa@gmail.com

Recebido em: 07 de junho de 2021

Aprovado em: 12 de setembro de 2021